

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

Laura Zacaron Santos

**O PROCESSO DE INDIVIDUAÇÃO:
UMA PERSPECTIVA SIMBÓLICA E TRANSCENDENTE**

Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel (Trabalho de Conclusão de Curso).
Orientador: Prof. Dr. Emerson José Sena da Silveira

Juiz de Fora
2017

DECLARAÇÃO DE AUTORIA PRÓPRIA E AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO

Eu, **LAURA ZACARON SANTOS**, acadêmica do Curso de Graduação Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, regularmente matriculada sob o número **201473184A**, declaro que sou autora do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **O PROCESSO DE INDIVIDUAÇÃO**, desenvolvido durante o período de **28 DE NOVEMBRO DE 2016** a **3 de Julho de 2017** sob a orientação de **EMERSON JOSÉ SENA DA SILVEIRA**, ora entregue à UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF) como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel, e que o mesmo foi por mim elaborado e integralmente redigido, não tendo sido copiado ou extraído, seja parcial ou integralmente, de forma ilícita de nenhuma fonte além daquelas públicas consultadas e corretamente referenciadas ao longo do trabalho ou daquelas cujos dados resultaram de investigações empíricas por mim realizadas para fins de produção deste trabalho.

Assim, firmo a presente declaração, demonstrando minha plena consciência dos seus efeitos civis, penais e administrativos e assumindo total responsabilidade, caso se configure o crime de plágio ou violação aos direitos autorais.

Desta forma, na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Juiz de Fora a publicar, durante tempo indeterminado, o texto integral da obra acima citada, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas e ou da produção científica brasileira, a partir desta data.

Por ser verdade, firmo a presente.

Juiz de Fora, ____ de _____ de _____.

LAURA ZACARON SANTOS

Marcar abaixo, caso se aplique:

Solicito aguardar o período de () 1 ano, ou () 6 meses, a partir da data da entrega deste TCC, antes de publicar este TCC.

OBSERVAÇÃO: esta declaração deve ser preenchida, impressa e **assinada** pelo aluno autor do TCC e inserido após a capa da versão final impressa do TCC a ser entregue na Coordenação do Bacharelado Interdisciplinar de Ciências Humanas.

O PROCESSO DE INDIVIDUAÇÃO: UMA PERSPECTIVA SIMBÓLICA E TRANSCENDENTE

Laura Zacaron Santos¹

RESUMO

O trabalho apresenta, a partir da revisão parcial das literaturas de referência, as relações entre o indivíduo e o meio externo social e/ou cultural e o processo de formação de individualização e como a interação entre ambos pode trazer benefícios ou complicações na formação do indivíduo. A relação dos símbolos, na formação transcendente do indivíduo, as características da psique consciente quanto inconsciente, e como elas interagem nessa relação de indivíduo para com o meio social e cultural, o símbolo como representação do inconsciente e dos sonhos diante da realidade, a busca de equilíbrio do homem moderno ocidental perde-se em tantos estímulos externos e vicissitudes, o arquétipo religioso e o papel que ele representa com suma importância para melhoria e também em raros casos como causador de conflitos.

PALAVRAS-CHAVE: Indivíduo. Arquétipo. Inconsciente. Sonho. Símbolo.

1. INTRODUÇÃO

“É uma ilusão comum acreditarmos que o que sabemos hoje é tudo o que podemos saber sempre.” (Carl Jung)

O presente trabalho tem por objetivo explicitar a problemática da relação do indivíduo entre a sociedade em que está inserido, o que constitui a realidade enquanto a forma (materialidade) e o espaço (imaterialidade), como as percepções sensoriais, os pensamentos, as emoções e os símbolos religiosos e como as conexões existentes entre eles podem auxiliá-los ou perturbá-los. Partindo do indivíduo do seu funcionamento psíquico, e, posteriormente, para uma perspectiva da funcionalidade de suas relações e as doutrinas religiosas que se coadunam e através delas as pontes das relações possam ser observadas como construtivas ou destrutivas para o desenvolvimento do indivíduo.

A partir de seu desenvolvimento psíquico/mental o indivíduo toma consciência de sua existência, porém sua personalidade inconsciente é reservada no interior de sua própria psiquê. A dissociação da individualidade para a sociedade, ou seja, a relação de alteridade – a falta de distanciamento do indivíduo para a sociedade, dele para consigo próprio –, a cultura em que estão inseridos contextualiza o processo de normalidade, conseqüentemente traz perturbações nas emoções, afetando diretamente a identidade ou sua personalidade existencial, que é caracterizada pelas paixões e emoções que o indivíduo busca a partir de suas relações limitadas, precárias e algumas vezes frustrantes com a sociedade no qual está inserido (JUNG, 2016, p.21).

A todo momento percebe-se um conflito interno marcado pela angústia para se controlar os impulsos, as emoções, os comportamentos nas relações humanas. Alguns desses conflitos, quando exteriorizados para a relação entre os pares, caracterizam a manifestação do inconsciente para além de suas escolhas objetivas e racionais, sem que o indivíduo perceba, através de associação livre (surge sempre uma existência de um elemento associado à dor), sonhos (elementos simbólicos disfarçados), ato falho (tenta corrigir e continuamente repete, surge de uma maneira precisa e reveladora) e sintomas (a simbologia atrelada ao sofrimento, ou seja, a relação de objeto opressor se torna algo vívido) (JUNG, 2016, p 24).

Essa manifestação de indivíduo e sociedade, aparece de várias formas, principalmente através dos sonhos: a produção de símbolos que expressam especificamente o inconsciente e que são aspectos subliminares, carregados de emoções, irracionalidade, atemporalidade e símbolos que ainda não chegaram à consciência (JUNG, 2016, p. 37). Quando há um desequilíbrio no inconsciente do indivíduo, a manifestação vai além do sonho, ou seja, transforma-se em algo físico, devido à capacidade do inconsciente de armazenar todo o conteúdo sensorial externo – do meio social – e interno – do indivíduo –, influenciando o indivíduo a reagir a pessoas e fatos com base em seu desequilíbrio (JUNG, 2016, p. 41).

Assim: “Todas essas influências podem levar-nos a caminhos opostos à nossa individualidade, e quer percebamos ou não o seu efeito, nossa consciência é perturbadora e exposta, quase sem defesas, a estes incidentes” (JUNG, 2016 p. 56).

¹ Graduanda em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. E-mail: Iszacaron@gmail.com. Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel. Orientador: Prof. Dr. Emerson José Sena da Silveira.

Cada indivíduo é particular, dotado de condições específicas próprias, a sua psique passa a ser conduzida por estímulos e forças interiores e exteriores que levam aos desequilíbrios: neuroses, sintomas físicos, esquecimentos, paranoias, vícios, perda de energia emocional, afastamento da introspecção, manifestação de características negativas, sofrimentos e experiências dolorosas. Portanto o envolvimento da psique – sua energia – intensifica e revive o que quer que predomine no inconsciente (JUNG, 2016, p. 24). Este conteúdo desagradável, no inconsciente do indivíduo, faz com que ele busque uma “transcendência interior de valores” proporcionada diretamente pelos símbolos religiosos (JUNG, 2016).

Quando o indivíduo exterioriza o seu desequilíbrio, ou seja, manifesta sua perturbação diante do convívio com o outro, suas características são percebidas somente pela observação de suas relações. Assim a relação de alteridade é de suma importância para que se tenha uma observação dos fatos, porque, sem a presença de um observador, uma percepção sadia, a cultura e o meio social, não seria possível qualquer análise, qualquer criação, por mais que o entendimento da mente e suas características sejam complexas, só é possível uma construção simbólica se houver a convivência entre os pares.

Muitas vezes há um preconceito, discriminação, um olhar subjulgado para com aquele que foge da conduta dita normal, as emoções e os conflitos internos que afetam o indivíduo na sociedade ou na própria cultura são enraizadas na mente humana e em suas relações conflituosas que sempre existiram (JUNG, 2016, p. 49).

A mente humana possui características intrínsecas que proporcionam experiências, como lembrar, pensar, questionar, desejar, perceber, crer, criar linguagens e sistemas simbólicos. Essa capacidade do ser humano, de proporcionar experiências, é intrínseca para formação de atitudes diante da vida e a complexidade está em como manter a sua identidade diante da adaptação no meio físico e/ou social.

Essa complexidade enraizada no indivíduo o leva a procurar meios sadios ou perversos coerentes ou desviadas para sentir-se inserido em um mundo que muitas vezes não condiz com as características individuais que conduzem a uma busca incessante de experiências que trilham uma constante dualidade: “bem ou mal”, “sim ou não”, “normal ou anormal”, “Deus ou Diabo”, “saudáveis ou doentias” (JUNG, 2016, p. 44). Quando o espaço social se mescla com o individual, inicia-se a multiplicidade de ações, escolhas, sentimentos, uma flutuação instável que afasta o indivíduo de sua essência. Assim, “qualquer um de nós pode facilmente verificar que existe em nossas vidas [...] uma ambivalência que sempre nos atormentou e para a qual parecemos nunca encontrar resposta”. (JUNG, 2016, p. 204).

A busca por respostas reflete diretamente na relação religiosa construída pelo indivíduo e pelas suas relações. A religião é vista como uma melhoria na essência do indivíduo – “totalidade absoluta da psique” (JUNG, 2016) –. Mesmo que confrontada por uma insegurança projetada nas suas experiências no espaço, independentemente do indivíduo ser dotado de algum transtorno, causando, claro, o que influencia sua percepção de vida.

As relações conflituosas partem da necessidade de o indivíduo se adaptar a uma sociedade ou a uma cultura, e essa adaptação faz com que suas características comportamentais particulares sejam exacerbadas ou aquietadas. A necessidade do indivíduo de se satisfazer abre espaço para inúmeras condutas desagradáveis que o afastam de sua essência divina, ou seja, o temor e respeito diante de outro homem e não de qualquer divindade.

A falta de percepção torna o indivíduo automatizado e fútil, complementando-se com prazeres temporais. Mesmo que se aproxime de alguma doutrina religiosa, acaba justificando suas ações ou tenta diminuir o peso de sua existência fragilizada e angustiante, repleta de vazios materiais, ou seja, preenche-se com o que é externo, sejam pessoas, objetos, substâncias psicoativas, etc. com isso esquece que a sua angústia efêmera não vem do Sagrado ou Divino e sim de si próprio. “Encontrar um sentido para essa busca de essência diante da perda talvez seja um dos maiores dilemas emocionais que o homem enfrenta ao longo de sua existência” (BRUSSIO, 2008, p. 444).

O indivíduo, dotado de complexidades, foi se desenvolvendo em diversos meios sociais. A narrativa sobre deuses e mitologias, para demonstrar sua relação com o divino, torna consciente o dever com seu criador, através de cultos ou rituais que até hoje independentemente de sua configuração ter mudado, exteriorizam um vínculo entre Homem e Deus.

A simples observação ou encontro de uma cultura ou sociedade de um indivíduo para indivíduo pode ser fundamental para trazer conhecimento de comportamentos e de formação de doutrinas e explicar teorias já existentes e a permutação dos símbolos através do tempo. Como por exemplo um objeto inanimado – cruz, terço, vela, conchas, medalhas, figuras esculpidas em qualquer material e até mesmo a própria natureza

(nuvens, sol, chuva, plantas) – têm a capacidade de despertar inúmeros pensamentos, sentimentos e comportamentos no indivíduo e na sua relação com o meio no qual está inserido.

O auxílio ou perturbação do mundo físico, material, no processo de aperfeiçoamento do ser – espécie; natureza; individuação – é algo real, lembrando que sozinho não ocorre auxílio ou perturbação, ou seja, a relação entre os pares potencializa essa dualidade de equilíbrio ou desequilíbrio. Por isso os símbolos e arquétipos impulsionam a conscientização e transformação do homem (JUNG, 2016, p. 198).

1. Da psique à individuação

A psique é a base da mente humana e já esteve próxima à dos animais – (JUNG, 2016 p. 121), o que os separa é a capacidade racional do indivíduo. Sua ligação entre as ocorrências físicas e mentais são os sentimentos e/ou emoções que a abarcam, e, a partir da psique, surge a consciência individual (JUNG, 2016, p. 93). Essa consciência individual se desenvolve gradualmente, é um processo de maturidade natural e involuntário, ou seja, o indivíduo não pode escolher ou tirar isso dele, porém os seus sentimentos e experiências diante da vida podem fazer com que ele atrase seu desenvolvimento.

O indivíduo angustiado, reprimido por seus pensamentos e emoções que dão significado à sua relação com o outro, teme ser diferente do padrão imposto pela sociedade ou pela cultura. Essa característica de repressão não é benéfica nem para quem a carrega nem para quem está à sua volta. A singularidade do indivíduo, suas emoções e ações falam por ele, assim a problemática da relação de alteridade se constitui.

Esse pequeno fragmento, do livro de Nise da Silveira (1981, p. 18), deixa claro os padrões de formação da personalidade e como a psique é diretamente ameaçada pela sociedade:

Mundo externo hostil, desagregação da família, falta de amor na infância, condições miseráveis de vida, frustrações repetidas, humilhações, opressão da vida instintiva, de aspirações culturais e espirituais, apertando o indivíduo num anel de ferro. Provocam intensas emoções e tentativas malogradas de defesa. A psique não consegue fazer face a todos esses ataques, juntos ou separados, e acaba incapaz de preservar sua integridade. Racha-se, cinde-se. As emoções, que não encontraram forma adequada de expressão, introverte-se, rasgando sulcos subterrâneos até alcançar a estrutura básica da psique.

O processo de individuação preza o controle da emoção guiado pela 'razão. Assim o indivíduo se perde e busca a sua singularidade através de uma adequação a qualquer lugar e grupo que seja. Aquilo que era para ser fundamental torna-se banal.

Quando a psique é completamente afastada da individualidade o homem perde o contato com sua psique desde há muito e, a própria natureza deixa de ser importante, perdendo-se a relação com a naturalidade e o pertencimento ao todo, e não somente a um pedaço dele (MASLIN, 2009, p. 20). O afastamento dos valores morais, a razão corruptível e limitada, a satisfação dos benefícios próprios mais do que os benefícios coletivos, a identidade secularizada e o afastamento dos valores espirituais, a subjetivação da religião, ou seja, a privatização da religião vivida (fé individual), a separação da fé e razão. A psique do indivíduo é lançada diretamente às suas "sombras"², e, com isso, a vida dele é tomada por um ato de força impactante em sua formação.

O conteúdo armazenado na psique – impulsos, intenções, percepções, intuições, pensamentos, induções, deduções, conclusões, premissas, emoções, desejos, crenças, etc. – quando transferido ao indivíduo de uma forma equilibrada, o desperta para a vida e o auxilia na realização de suas potencialidades evolutivas. Quando não há o equilíbrio, uma forte carga enérgica entra em atividade e afeta as áreas estruturadas pelo consciente. Essa carga enérgica da psique invade de assalto toda personalidade e estrutura racional do indivíduo fazendo com que o mesmo perca todo controle de suas emoções e elas acabem o dominando, por exemplo: Surtos de raiva, histerias, crises emocionais, compulsões, obsessões, massacres, etc. (JUNG, 2016, p. 152).

A individuação é uma ligação entre as memórias passadas (JUNG, 2016, p. 126), herdadas por toda existência. Os processos históricos da sociedade, principalmente o religioso, afeta diretamente na conduta moral e na transmissão de conhecimento. A religião envolve a: experiência, vivência, espiritualidade, dogmas,

² "A sombra projetada na mente consciente contém aspectos ocultos, reprimidos, negativos da personalidade do indivíduo. A sombra possui instintos normais e impulsos criadores" (JUNG, 2016, p. 153).

doutrinas, mitologias, símbolos, moralidade, valores, justiça, normas, visão pré-científica, superstição, injustiça, poder, escravidão, ilusão, ópio, pátria, etnias, etc.

Essas memórias formadas desde a infância particular do indivíduo com a convivência dele com o meio social, reproduzem o comportamento da psique, que busca reconciliar e unir constantemente todo o conteúdo armazenado na sua mente, onde o indivíduo, quando consciente, tem a noção ou percepção dessa ligação, com suas memórias e/ou histórias. A relação de alteridade faz com que ele abandone certos comportamentos, incorpore outros e se modifique conforme o tempo e o lugar (JUNG, 2016, p. 150). Quando o indivíduo encontra um sentido ou despertar para sua existência, suas atitudes e comportamentos diante de si mesmo implicam uma nova capacidade de relacionamento com sua personalidade, o indivíduo evolui e abandona o estado imaturo que o mantinha em conflito com sua própria companhia.

Os estados mentais, mesmo que confessados entre indivíduos, são privativos, ou seja, só a quem eles pertencem possui acesso direto. Já os estados físicos mentais, as ações ou verbalizações são públicos, ou seja, passível de ser observado por outro indivíduo.

Esta percepção, de indivíduo para indivíduo, envolve o julgamento, que dá base para um preconceito de ambos os indivíduos, o que mostra como a autoavaliação do estado emocional ou mental é difícil. Por isso, necessita-se de uma terceira pessoa, mesmo que a experiência e a intencionalidade defiram de indivíduo para indivíduo. Com isso as ações e comportamentos exteriorizam a psique do indivíduo e do observador (MASLIN, 2009, p. 13).

As heterogêneas manifestações da psique, ao longo da vida do indivíduo, fazem com que ele adquira sensações e desenvolva certas emoções e percepções diante de sua existência real ou imaginária (SILVEIRA, 1981, p. 64). Essas manifestações trazem ao mesmo uma necessidade de satisfazer seus desejos e necessidades, mesmo que algumas delas sejam desagradáveis ou imorais. O homem sempre procura a satisfação, porque carrega consigo uma inquietude, dúvidas, um medo enraizado a novas ideias e verdades. Com isso, ele cria uma barreira imaginária e se protege de uma futura ascensão:

Muitas pessoas superestimam erradamente o papel da força de vontade e julgam que nada poderá acontecer à sua mente que não seja por decisão e intenção próprias. Mas precisamos aprender a distinguir cuidadosamente entre o conteúdo intencional e o conteúdo involuntário da mente (JUNG, 2016, p. 40).

Com o passar da vida, alguns pensamentos do indivíduo parecem ser deixados de lado, ou seja, não possuem mais uma ligação íntima e satisfatória. Então, por algum motivo, são afastados de seus desejos, perdendo a forte energia psíquica. Logo, não alcançam mais a consciência, perdem o acesso direto a suas intenções, como se fossem congelados e armazenados em algum lugar da mente. Porém eles jamais deixarão de existir, mesmo que não se saiba onde eles estão no cérebro (JUNG, 2016, p. 179).

O fato de não saber onde eles se encontram não impede a sua existência. Quando o indivíduo procura examiná-los ou resgatá-los, para encontrar um sentido para sua própria vida, o sujeito percebe que é preciso ir cada vez mais fundo. Muitos dos homens, quando atentam para essa ideia, preferem deixar de lado esse mergulho e recriar ou recomeçar a sua realidade.³

A significação da realidade, dos conceitos, dos termos, da conduta, mesmo que siga um padrão ou regra, difere minuciosamente de pessoa para pessoa⁴. E essa oscilação imperceptível faz com que a compreensão e aplicação da significação seja também individualizada, por exemplo: o que é loucura para um não é para o outro, o que é felicidade para um não é para o outro. Isso mostra como a personalidade busca incessantemente assumir o seu papel, luta para não se adaptar ao que é comum, e usa de sua autenticidade, algumas vezes, para justificar suas ações, que ao mesmo tempo, o indivíduo inconscientemente procura manter o controle de suas reações emocionais e comportamentais por ser conveniente às suas relações. Afinal, faz mal para o ego ser rejeitado por aqueles pelos quais se tem uma empatia, e tudo aquilo que não foi “adaptado” passa diretamente também para o inconsciente, que é associado sem barreiras à reflexividade racional. Dessa forma, o indivíduo carrega a ilusão de se controlar, pensa que sabe sempre o que está fazendo, vive sem ter consciência do seu próprio corpo e ainda crê que é “senhor da sua alma” (JUNG, 2016, p. 103).

³ “... até os conteúdos mais banais da consciência têm à sua volta uma orla de penumbra e de incertezas” (JUNG, 2016, p. 47).

⁴ “Evidentemente, esses meios-tons psíquicos diferem de pessoa para pessoa. Cada um de nós recebe noções gerais ou abstratas no contexto particular de nossa mente e, portanto, entende e aplica tais noções também de maneira particular e individual” (JUNG, 2016, p. 44).

Assim a individuação, juntamente à psique, forma uma psique coletiva construtora de símbolos – mensageiros da parte instintiva da mente humana – aparentes em todo tipo de manifestação psíquica e social, formando assim, as representações conscientes da parte instintiva: o arquétipo.

1.2. Do meio ao arquétipo

“A psique humana não pode funcionar sem a cultura e o indivíduo não é possível sem a sociedade” (SILVEIRA, 1981, p. 106).

O arquétipo⁵ são fatores dinâmicos, autônomos e apresentam-se como imagem e emoção, que se manifestam na psique simbolicamente por impulsos espontâneos que se repetem em qualquer época ou lugar do mundo, sem ligação de transmissão no qual ocorre em meios diferentes onde os indivíduos que ali habitam jamais tenham se visto. A organização do arquétipo é coletiva, porém as características e especificações são singulares. Quando a mente individual utiliza o arquétipo, ela intuitivamente ativa o inconsciente, assumindo assim a tarefa da consciência.

A cultura⁶ dissocia e confunde a psique do indivíduo através dos estímulos exteriores que batem de frente com os estímulos interiores. Essa dissociação afasta o indivíduo de seus valores morais e espirituais, levando-o a perda de sentido da vida e da organização social (meio), e faz com que o mesmo perca sua capacidade reflexiva, tornando-o mecanizado em suas tarefas e pensamentos. O indivíduo deixou de lado o envolvimento com a natureza e com os fenômenos naturais, que leva-o a uma perda emocional que muitas vezes é resgatada pelo arquétipo, visto que sua interpretação não é universal, somente a sua reprodução e representação – a interpretação vai de acordo com o meio e varia de indivíduo para indivíduo.

Os arquétipos expressos pelo indivíduo podem auxiliar no seu despertar para a consciência, ou seja, orientar à sua vida. Assim, suas atitudes e comportamentos são influenciados pelas mensagens trazidas pelos símbolos, e essa progressão de ideias simbólicas pode ocorrer na mente inconsciente do indivíduo hoje, assim como ocorria nas sociedades passadas. Isso mostra que os símbolos são de fato recriados no decorrer da história e, mesmo que possuam nomes diferentes, sua atuação é idêntica (JUNG, 2016).

As relações construídas no meio podem ser muito fortes e intensas, dotadas de complexidades e incrivelmente interessantes. A simples observação de um para outro pode ser muito rica e trazer explicações para conflitos há muito tempo existentes no meio (JUNG, 2016, p. 204). Essas experiências trazidas das relações fazem com que o indivíduo desenvolva certas percepções diante de uma realidade, seja ela em caos ou harmonia. O quanto as situações que envolvem o meio em que o indivíduo está inserido refletem em seu inconsciente e também nas suas ações conscientes, onde o mesmo dá a significação para as suas relações interpessoais (JUNG, 2016, p. 78).

Os símbolos religiosos expressam a aceitação coletiva da sociedade. Eles são empregados para exteriorizar as suas “reservas de conhecimentos gerais conscientes”, o ímpeto natural do indivíduo para a religião (JUNG, 2016, p. 117, 121). O conceito de religião está intimamente ligado a uma fé coletiva, representada especificamente por símbolos religiosos ao longo da história. A busca pelo conhecimento estrutura uma transcendência subjetiva, com uma consciência de heterogeneidade, levando a uma produção simbólica adaptativa a cada sociedade, onde o simbolismo faz parte de todo o centro religioso, psíquico e social.

O arquétipo religioso caracteriza a representação de renúncia, expiação, libertação do meio social, isto é, ele desperta a transcendência interior de valores para sua confirmação de existência na vida, mesmo que os símbolos religiosos possuam nomes diferentes de doutrina para doutrina. A atuação do símbolo no indivíduo e das relações são idênticas (JUNG, 2016, p. 150, 198): “O mito do herói representa os esforços que fazemos para cuidarmos dos problemas do nosso crescimento, ajudados pela ilusão de uma ficção eterna” (JUNG, 2016, p. 145).

O desenvolvimento das sociedades e das culturas, diminuiu a capacidade do indivíduo de reagir a “ideias e símbolos numinosos” (JUNG, 2016, p. 118). A falta de reação fez com que o entendimento por trás do

⁵ “Os arquétipos são, assim, dotados de iniciativa própria e também de uma energia específica, que lhes é peculiar. Podem, graças a esses poderes, fornecer interpretações significativas (no seu estilo simbólico) e interferir em determinadas situações com seus próprios impulsos e suas próprias formações de pensamento” (JUNG, 2016, p. 98).

⁶ “... através da estruturação do espaço que se poderá entender as relações do indivíduo com o meio onde vive e a ideia que o homem faz da ordem cósmica” (SILVEIRA, 1981, p. 41).

símbolo religioso fosse deixado de lado, ou seja, a preservação da tradição ou das instituições é melhor do que a significação por trás do símbolo. Como se os padrões fossem somente repetidos e não analisados, algumas pessoas simplesmente procuram uma ligação com alguma religião ou simbolismo pelo fato que procuram para pertencer a algo e por medo do desconhecido, não buscam conhecer aquilo que as remete a uma transcendência: A racionalidade afastou o indivíduo de seus valores espirituais (JUNG, 2016, p. 118)

O símbolo religioso carrega uma sensação de pertencimento, confrontando diretamente a sensação de alienação com o meio social, de não se sentir à vontade em qualquer lugar, com qualquer pessoa e até mesmo consigo próprio, como se o símbolo trouxesse uma aproxima-se de sua existência e pertencimento ao mundo. Um exemplo é o símbolo da cruz, que, para um cristão, é vital e iluminado.

A estrutura organizada de todas as experiências e formas contidas no meio, sejam elas emocionais ou materiais, encontram-se num processo de aperfeiçoamento, mesmo que algumas vezes em desequilíbrio. Quanto mais o indivíduo, constituído de sua forma única, evolui, mais o meio se desenvolve e o indivíduo consegue se adaptar às mudanças dos particulares. Por isso, a relação entre os pares é fundamental, por mais perturbadora que seja (SILVEIRA, 1981).

Os arquétipos muitas vezes constituem essa funcionalidade de equilíbrio e o despertar do indivíduo para sua consciência. Um exemplo fundamental para ilustrar essa função é a ideia geral do Cristo Redentor – O Salvador – que pode ser considerado um símbolo religioso, dependendo da cultura que ele representa, de qualquer adversidade ou perturbação, seja ela física, mental ou espiritual. Essa ideia do Salvador existe há várias gerações, a imagem coletiva de um Cristo em sofrimento representa exteriormente a angústia e o medo interior que o indivíduo carrega. O Cristo pode ser considerado o arquétipo humano, incorporado ao sofrimento e também à libertação. A associação do Cristo à data comemorativa natalina, em todo o Mundo, carrega consigo a simbologia do Renascimento, o arquétipo de cura (JUNG, 2016).

Outro arquétipo de suma importância, associado ao indivíduo, é o herói⁷. O mito do herói é um dos, senão o mais conhecido, e carrega uma forte energia psíquica, porque ele desenvolve a consciência do ego⁸, trazendo para o indivíduo o conhecimento de suas forças, capacidades, fraquezas e limites. O rompimento simbólico com o herói indica a chegada da maturidade, quando a criança ou o adolescente, ou até mesmo o adulto, quando afastada de suas características infantis, vistas como solitárias e humilhantes, denota a chegada da maturidade. Até hoje esse simbolismo é retratado em filmes, histórias, fábulas, novelas e figuras políticas, por exemplo: o policial que prende alguém que praticou crimes, vistos como imperdoáveis pelo meio, é tido como o herói. O símbolo heroico vem para auxiliar o consciente na execução de tarefas que necessitam de uma aproximação com a forte carga psíquica do inconsciente (JUNG, 2016, p.142).

O casamento é um arquétipo também da antiguidade e representa simbolicamente a união do componente feminino existente na psique masculina. Antigamente essa união era vista como a junção do Logos (Homem) e Eros (Mulher). Hoje, o casamento religioso manifesta o arquétipo também da união dos opostos. Essa união representa também a capacidade de confiar no seu oposto o sentimento sublimado do amor: “Consciência da sua capacidade de confiar no amor como um sentimento onde a natureza e espírito estão unidos, no mais elevado sentido destas palavras” (JUNG, 2016, p. 180).

Este simbolismo representado pelo casamento tem uma íntima relação com a necessidade do indivíduo de se libertar, de amadurecer e de evoluir e com uma ideia inconsciente de deixar seus descendentes, ou seja, procriar para não deixar, de uma certa forma, de existir (JUNG, 2016).

Há também um símbolo que até hoje se conservado em sua forma natural: o rito da elevação do cálice (JUNG, 2016). O arquétipo da transformação, presente também nesse rito, conota a invocação do Espírito Santo, do transformador, do gerador da vida, e esse rito revela a possibilidade de uma união com a transcendência (JUNG, 2016). A mudança deste rito é somente no nível de conscientização de cada participante. O objeto utilizado, dependendo da doutrina religiosa, pode ser modificado, porém ele não deixa de existir e a sua força perante o meio é a capacidade ou o dom da cura.⁹

A arte, como arquétipo representado por desenhos, pinturas, esculturas religiosas, cânticos de adoração, escrita, música e teatro, auxilia na expressão emocional e também racional daquele que se sente dominado por algo indomável. A necessidade de adequação ao meio social e/ou cultural faz emergir todas as características intrínsecas do indivíduo, sejam elas sadias ou perturbadoras. As imagens arquetípicas nesses

⁷ “... a imagem do herói evolui de maneira a refletir cada estágio de evolução da personalidade humana” (JUNG, 2016, p. 144).

⁸ “O ego agindo como herói é um condutor de cultura” (JUNG, 2016, p. 163).

⁹ “... é um ato de purificação primordial, lavando o ser humano do pecado da morte, isto é, a essência do batismo verdadeiro”. (JUNG, 2016, p. 192).

conflitos “invadem” todo espaço intrapsíquico e muitas vezes são exteriorizadas através da imaginação refletidas na capacidade criativa do indivíduo:

O Homem sempre se maravilhou de sua própria mão. Imprimiu-a nas paredes das cavernas pré-históricas em vários lugares do mundo e decerto o homem arcaico atribuía poderes mágicos a este prodigioso instrumento de ação que ele possuía e lhe permitia realizar coisas inacessíveis dos mais fortes e temidos animais (SILVEIRA, 1981, p. 25).

Os fenômenos do meio provocam uma inquietação interior tanto para o indivíduo saudável quanto para o “transtornado”. A relação de empatia atrai o indivíduo para o mundo externo, ou seja, projeta os seus prazeres e sentimentos através da arte ou de suas ações, conduzidas por sua angústia. Algumas vezes, essa angústia é causadora de delírios e alucinações, influenciando o mundo exterior e sua percepção de vida.

2.3. Do inconsciente ao consciente, sonho e realidade.

“Nós vivemos entre dois mundos, ou seja, entre dois sistemas de percepção totalmente diferentes: percepção de coisas externas, por meio dos sentidos, e percepção de coisas internas, por meio das imagens do inconsciente”.
(SILVEIRA, 1981, p. 36).

O inconsciente é um aspecto da psique que abriga todo conteúdo sensorial externo/interno da natureza humana, que parece ser representado instintivamente pelos arquétipos, mesmo que para alguns teóricos ele esteja ligado somente ao delírio (SILVEIRA, 1981). Ele transmite informações através dos sonhos, devido ao distanciamento do indivíduo de seus instintos básicos. Com isso, o indivíduo não percebe a naturalidade, a compreensão de seus sonhos nem os símbolos que eles trazem. O consciente é a totalidade absoluta da psique, ou seja, a vivência do indivíduo externa/interna. Os povos antigos acreditavam que o inconsciente e o consciente eram somente um e não dissociados um do outro. (JUNG, 2016).

Devido a essa dissociação causada pela evolução e à adaptação às relações, pode-se dizer que existem duas personalidades dentro de um mesmo indivíduo: a consciente e a inconsciente. Essas personalidades¹⁰ a todo momento procuram se manifestar, pois a dissociação fez com que a consciência, temporariamente, perde-se uma parte de sua atividade, então deixou um espaço para que o inconsciente a influencie. As ideias da persona consciente, quando analisadas, tornam-se uma forma de se conhecer, por isso a busca incessante do indivíduo de se descobrir. Devido a essa influência, qualquer fato que o indivíduo experimente, sinta e observe passa para o inconsciente mesmo que subliminarmente (JUNG, 2016).

O aspecto subliminar da linguagem e do pensamento, são as formas que se associam com a parte instintiva da mente humana, ou seja, a forma de observação da parte racional e essas mensagens são reproduzidas através de símbolos e sonhos.

O símbolo é um termo ou imagem que implica conotações especiais, ocultas e vagas, ou seja, implica algo além do seu significado (JUNG, 2016, p. 113). Para se tornar consciente, ele se produz na forma de sonhos, utilizando do aspecto inconsciente para produzir uma imagem simbólica. Isso mostra que quando o indivíduo passa por algum desafio em seu inconsciente os sonhos apontam diretamente para esses desafios a serem transpassados. O sonho é a parte mais sensível da psique por representar os aspectos psicológicos do indivíduo, produzir símbolos e expressar especificamente o inconsciente (JUNG, 2016).

As ideias e imagens deslocam-se do interior (psique) para o meio externo (sociedade), levando para o sonho o acúmulo dessas significações que se tornam atemporais, ilógicas, irracionais, análogos totalmente diferente da realidade. O sonho, além de sensível, é indisciplinado devido à gama de funções que ele reproduz. Qualquer símbolo que o indivíduo constrói será expressado pelo sonho. Qualquer desequilíbrio do inconsciente ou do consciente, o sonho tentará restabelecer o equilíbrio. Quando o indivíduo lembra do que sonhou, tem o poder de transformar o seu humor. A fonte para o conhecimento do simbolismo é também o sonho, ele também

¹⁰ “Ouve, mas está surda, vê, mas está cega, sabe e parece ignorante”. (JUNG, 2016, p. 35).

é capaz de perturbar o sono, de se relacionar com mitos primitivos; é a forma natural dos impulsos no inconsciente e, mais ainda, ele pode ser coletivo¹¹: pessoas que nunca se viram terem o mesmo sonho (JUNG, 2016).

Como o sonho é dotado de simbolismo, a sua interpretação e resgate, para a realidade dependem intimamente do estado individual, da particularidade. A interpretação é sempre singular, as circunstâncias individuais precisam ser analisadas e totalmente separadas das circunstâncias do analisador. A interpretação muitas vezes contém as qualidades mentais do indivíduo, suas histórias passadas e presentes, e levam o mesmo a uma introspecção e a um autoconhecimento, porém a modernidade dá pouca significação à capacidade curativa do sonho (JUNG, 2016).

Para se entenderem os arquétipos representados pelo inconsciente através dos sonhos é preciso entender a psicologia, o sonho, o processo religioso que envolve a mitologia, a filosofia, a sociedade e as dimensões empíricas científicas.

Um processo de cura jamais poderá ser eficaz sem uma base de conhecimento daquele que se dispõe a ajudá-lo, sem o real desejo do indivíduo de se encontrar, nada poderá ser feito, é preciso despertar o outro para sua capacidade reflexiva, afastá-lo paulatinamente de sua angústia (SILVEIRA, 1981).

A vida criada pelo indivíduo é repleta de símbolos, ideias e emoções, e, a todo momento, ele procura se adaptar para encobrir o entendimento de si e do que ele mesmo faz. A força da psique intensifica o que predomina no inconsciente, pela influência do meio, formam tendenciosas esferas negativas que, reveladas pelo sonho, influenciarão de fato a conduta do indivíduo com a realidade (JUNG, 2016).

Quando o indivíduo se dispõe a compreender os sonhos certamente melhorará e as esferas positivas se formarão (JUNG, 2016). Um grande aliado à transformação da realidade do indivíduo são os símbolos religiosos, porque eles dão significação à sua vida e as imagens religiosas representam o simbolismo coletivo. Isso faz com que o indivíduo, quando tomado por um sentimento de solidão¹², sinta-se parte do meio, do todo universal (JUNG, 2016, p.126).

A fé, quando incorporada à realidade, em muitos casos afasta o indivíduo da reflexão. Com isso, despoja todo o mistério e se afasta de todo seu valor espiritual¹³, que, sendo reprimido, potencializa uma força destruidora capaz de levar o meio social ou cultural e o indivíduo a realidades dolorosas, como, por exemplo, a guerra¹⁴, o fascínio, criação de mitos, filosofias e religiões: “O homem moderno quer dominar a natureza sem ter a capacidade de se dominar fica claro como o seu desejo interno é exteriorizado para a sociedade, o domínio da ciência, de máquinas, de governo, etc.[...]”. (JUNG, 2016, p. 128).

Cada indivíduo reage de uma maneira diferente às vivências na sociedade, e essa relação condiciona sua psique, ou seja, o inconsciente procura compensar a situação de caos do consciente e a psique defende a todo custo o seu equilíbrio quando perturbado, seja pelo meio ou pelo interior do indivíduo. Por isso, o meio é essencial na cura e na busca pelo autoconhecimento. Quando a relação de alteridade dá suporte e afeto, a perturbação tende a diminuir ou até mesmo a desaparecer. Quando as relações não favorecem a projeção do inconsciente, o indivíduo sofre e se sente desprezado com isso; o arquétipo religioso abarca esse desequilíbrio e impressionantemente modifica o indivíduo e a sua relação com a sociedade do qual faz parte (JUNG, 2016).

A necessidade do indivíduo de se satisfazer abre espaço para inúmeras condutas desagradáveis que o afastam de sua essência divina. A falta de percepção torna-o um ser mecanizado e totalmente fútil, complementando-se com vícios e ou compulsões. Mesmo que se aproxime de alguma doutrina religiosa, acaba usando-a para justificar suas ações ou para tentar diminuir o peso de sua existência fingida e repleta de vazios materiais, esquecendo-se de que a cura¹⁵ não vem dos céus, e sim de dentro para que sua psique se exteriorize e o meio social o auxilie na sua transformação.

¹¹“Um sonho pode conter elementos que não são individuais da pessoa e também de suas experiências, ou seja, a herança do espírito humano”. (JUNG, 2016, p. 82).

¹² “Mas não resta dúvida de que um choque de natureza emocional é muitas vezes necessário para que as pessoas acordem e se deem conta da maneira como estão agindo... Num desses casos de mudança drástica de comportamento pode-se, inúmeras vezes, provar que um arquétipo trabalhava já há muito tempo no inconsciente, arranjando habilmente as circunstâncias que levariam a tal tipo de crise” (JUNG, 2016, p. 94).

¹³ “A imensa energia emocional expressa na imagem do ‘Pai Nosso’ desvanece-se na areia de um verdadeiro deserto intelectual” (JUNG, 2016, p. 119).

¹⁴ “Mudam-se os métodos, através dos tempos, mas o impacto da guerra é eterno e arquetípico” (JUNG, 2016, p. 139).

¹⁵ “Desejava que o processo da cura nascesse da própria personalidade do paciente e não de sugestões minhas, que teriam um efeito passageiro”. (JUNG, 2016, p. 65).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Se pudermos observar cuidadosamente o comportamento humano, de um ponto de vista objetivo e compreendê-lo pelo que ele é, poderemos ser capazes de adotar um curso mais sensato de ação [...]” (OLIVEIRA, 2012, p. 41).

O indivíduo reprime o conhecimento de sua própria existência e essa falta de percepção é atribuída a sinais e imagens que são utilizados para indicar uma ligação do meio com sua personalidade inconsciente, principalmente atribuídos aos símbolos religiosos. O indivíduo, quando reprimido, é capaz de causar distúrbios em sua psique, fazendo com que ela se manifeste nas suas relações, causando uma perturbação. Simbolicamente, as dificuldades da existência do indivíduo são reveladas através dos sonhos e dos arquetípicos que auxiliam na compreensão do ser. Essa compreensão é essencial para que o indivíduo seja norteado em sua transcendência, muitas vezes impulsionada pela religião e pelo encontro consigo próprio. Mesmo que haja padrões comportamentais, a singularidade precisa ser respeitada para que as personalidades não se confundam nas relações interpessoais, profissionais e sociais.

É evidente que a sociedade e o indivíduo passam por um desequilíbrio em todas as suas áreas já construídas e nas que estão em construção, e é claro que esse desequilíbrio começa individualmente. A necessidade de respostas, a busca pelo alívio da angústia individual leva a uma regressão em sua história, para assim tentar modificar aquilo que ele mesmo criou. O conflito interno se exterioriza, criando um confronto de ideologias, secularização da religião, separação constante das áreas de estudo e também do meio social. A “avalanche” de informações, de pesquisas e o movimento constante de mudança ambiental afetam a psique. O mais intrigante é que o arquétipo, principalmente o religioso, adapta-se continuamente ao meio externo juntamente o indivíduo e jamais deixado de se manifestar, seja pelo sonho, pelas imagens, pelo simbolismo, pelas religiões, pelas histórias, pelos distúrbios ou pelos desequilíbrios; o arquétipo mantém-se vivo e, através dele, muitos indivíduos, sem mesmo perceber, são tomados por ações de transformação.

O indivíduo e a sociedade são somente uma unidade que demonstra a qualidade de suas percepções e significação. Independentemente da crença que se tem, é a partir dessas manifestações que se percebe uma suposta separação entre mente e corpo, indivíduo e meio, o singular e os pares.

A problemática em si, da relação de alteridade, auxilia na percepção de consciência do indivíduo, na responsabilidade que o indivíduo tem de pertencer à realidade. Ela é dependente de relacionamentos saudáveis entre os indivíduos e um ambiente envolto de confiança, acolhimento e apreço.

Essa relação sadia infelizmente não é a realidade da maioria, porém, ela pode e deve ser criada, para que o indivíduo potencialize ao máximo suas capacidades, sem medo do desconhecido, de novas ideias, julgamentos, falhas ou repreensão. Quando o indivíduo sai da esfera de coação, ele se adapta melhor às mudanças e não se acomoda com suas condições vistas como limitantes nem com as condições impostas pela sociedade. Somente assim, com uma troca de experiências, mesmo que conflituosas, o indivíduo poderá se manifestar verdadeiramente. A religião auxilia nessa manifestação por representar a aproximação com o que é entendido como sagrado.

O indivíduo recalçado pela sociedade e dotado de emoções e significações reprime ao máximo suas vontades e desejos, por temer ser diferente. Essa característica não é benéfica nem para quem a carrega, nem para quem está a sua volta, apesar de que o indivíduo, ligado à religião, carrega uma sensação de liberdade e alívio.

Sendo assim, a problemática da relação entre o indivíduo e a sociedade confronta o desenvolvimento harmônico de sua psique, ou seja, a insanidade acontece entre o mundo externo e os indivíduos que o habitam. O ato insano, isto é, as perturbações expressas por suas ações, deixa claro a existência da angústia e do medo diante da falta de aceitação, perante a sociedade, das inúmeras diferenças, sejam elas morais, físicas, mentais ou religiosas. A busca incessante pela resolução de suas angústias, força o indivíduo a se complementar com o mundo exterior: “O que leva à alucinação é o estreitamento do espaço vivido, o enraizamento das coisas no nosso corpo, a vertiginosa proximidade do objeto”. (SILVEIRA, 1981, p. 33).

A sociedade¹⁶ é condutora de perturbação, causando ao indivíduo uma série de fatores psicológicos que afetam diretamente a sua conduta para com ela.

¹⁶ “A ordem social globalizada produziu a sociedade da imprevisibilidade, caracterizando uma situação em que as interações macrosociais e micros sociais desenvolvem-se em um horizonte de indeterminação” (OLIVEIRA, 2012, p. 42).

A cultura tomada por variadas crenças religiosas contribui para evolução moral. A produção cultural de bens simbólicos na globalização intensifica a heterogeneidade de estilos e grupos diversos, fazendo com que a religião¹⁷ se expresse de variadas formas. Nesse sentido, ela auxilia ou dificulta a percepção consciente do indivíduo, fazendo com que ele busque as vicissitudes ou ascensão para sua evolução moral e/ou intelectual.

A sociedade levou o indivíduo a adaptar o simbolismo, para manter-se em contato com sua psique inconsciente e consciente. A sua auto justificação diante da sociedade é influenciada pelas promessas dos textos sagrados, que inconscientemente amenizam suas atitudes normais ou perturbadas.

Para uma análise do indivíduo, é essencial saber a relevância que o sonho e as imagens simbólicas têm na construção de individualidade e na sua vida, porque a significação e intencionalidade moldam os padrões sociais e culturais, e todo indivíduo está exposto a todo tipo de influência, sejam elas estimulantes ou deprimentes, podendo afastar o indivíduo de sua essência.

A capacidade do indivíduo de adaptar a sua personalidade, para que a relação dele com o outro tenha sentido e não seja completamente dominada pelo sentimento de impotência diante da existência: “As pessoas têm a impressão de que haveria uma grande diferença em suas vidas se pudessem acreditar positivamente no sentido de vida mais significativo, ou em um Deus e na imortalidade” (JUNG, 2016, p. 107).

As imagens arquetípicas unidas com suas experiências pessoais ajudam na verificação de contradições, confirmações, crenças e qualificações existentes tanto no consciente quanto no inconsciente.

O indivíduo necessita de ideias e convicções que lhe permitam encontrar seu lugar no mundo e um sentido à sua própria vida. Essa necessidade reflete diretamente nos símbolos religiosos, porque toma uma significação ampla, ou seja, coletiva. Por mais distraído que o indivíduo possa parecer na sua existência, ele sempre sente a inquietude e a exterioriza com objetos e prazeres, com confusões e negativismo; parece que esse comportamento o leva a uma emoção plena de vivência.

Como ele é tomado por sua angústia, sente-se incapaz de se expressar verdadeiramente, com isso a sua insatisfação faz com que ele busque exatamente o que habita dentro de si: o caos. Em vez de aceitar que a angústia existe, porém, não precisa ser o denominador de sua vida, ele luta, gasta suas energias com sua própria “sombra”. Se “pudéssemos ver essa sombra (o lado escuro e tenebroso da nossa natureza) ficaríamos imunizados contra qualquer infecção e contágio moral e intelectual”. (JUNG, 2016, p. 105).

Diante do exposto, conclui-se que a individuação não se forma sem a cultura, a sociedade e, principalmente, o religioso, o qual necessita da individuação para evoluir. É preciso o aprofundamento no estudo da relação de alteridade e da individuação, além disso, de suas características psíquicas, sonhos, imagens produzidas pelo inconsciente e suas configurações na história da humanidade, para se chegar a uma transformação tanto interior quanto exterior. Por maior que seja o desequilíbrio – perturbado, conflituoso, contraditório – ele ainda é uma forma do indivíduo e do meio social de se equilibrar.

Talvez, as condutas e relações classificadas pela sociedade ou pela cultura como anormais, imorais, insanas estejam presentes para mostrar que o caminho da transcendência do indivíduo para com sua própria existência é o reconhecimento de suas limitações e que, de fato, as experiências, sejam elas positivas ou negativas, moldam a conduta do indivíduo e sua ligação com a sociedade.

REFERÊNCIAS

JUNG, Carl. G. **O Homem e seus Símbolos**. 3. ed. edição. Rio de Janeiro: HarperCollins, 2016.

MASLIN, K.T. **Introdução à Filosofia da Mente**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

SILVEIRA, Nise. **Imagens do inconsciente**. Rio de Janeiro: Alhambra Ltda., 1981.

MESSAS, Guilherme Peres. Psicopatologia fenomenológica Contemporânea, 2012, 1 (1), 181-197, **Observações sobre estrutura e materialidade na psicologia fenomenológica**. São Paulo, USP, ano 1, nº1, p. 181-19, 1º semestre de 2012.

¹⁷ “...a gratificação do indivíduo tornou-se um valor, enquanto o ideal religioso da renúncia tornou-se um contra valor”

BRUSSIO, Josenildo Campos. Perdas e danos: reflexões sobre as emoções estéticas do homem moderno através da fenomenologia, existencialismo e imaginário. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**. Rio de Janeiro, UERJ, ano 8, nº2, p. 436-446, 1º semestre de 2008.

OLIVEIRA, Cláudio Ivan de. **Estudos de religião**. Sociedade da imprevisibilidade, subjetividade aberta e sistema de crenças religiosas: uma crítica ao planejamento cultural de B. F. Skinner. Goiás, PUC, ano 26, nº43, p. 36-55, 1º semestre de 2012.